

Jogos de Leitura

Muitas vezes o professor interessado pergunta-se como escapar à rotina da aula de leitura, feita sempre do mesmo gesto de ler – silenciosamente ou em grupo – seguido de questionário de inteligência e interpretação de texto. É claro que não há nada de errado com esta atividade; ela é útil e necessária àqueles que buscam a convivência com a escrita, mas não é, principalmente quando se pretende que o aluno vivencie o texto, a única maneira de trabalhar a leitura.

Pretendo neste artigo apresentar duas estratégias de leitura desenvolvidas normalmente pelo leitor e que podem receber tratamento específico em sala de aula. Para tanto, apresento sucintamente o problema da "antecipação" de leitura e, em seguida, sugiro duas atividades a ela relacionadas. Desde já ressalvo que mais importante que a atividade em si é o princípio que rege a proposta: oferecer aos participantes do processo pedagógico – professor e alunos – condições de leitura participativa e criativa. Só assim as pessoas estarão "aprendendo" a ler.

"Antecipação de leitura" pode ser definida como a atitude de o leitor, a partir de alguns índices textuais e de sua experiência, seus valores e seu repertório cultural, criar hipóteses, imaginar possibilidades, supor desenlaces de uma história ou dissertação que esteja lendo. Muitas vezes isto ocorre sem que a gente ao menos perceba o que acontece; noutras vezes, particularmente no caso de histórias emocionantes ou tensas, a gente explicita este processo, perguntando como vai acabar a história, opinando sobre seu desenlace ("acho que o herói vai morrer") etc.

É nesse processo de antecipação que ocorre a "quebra de expectativa", isto é, o surgimento de um acontecimento inesperado e contrário àquilo que se imaginava que

1 Mestre em Lingüística no IEL/Unicamp.

aconteceria. É também com base nesse processo que o autor cria "charadas", casos em que o leitor sabe qual será o final, mas precisa descobrir como será (é o que acontece, por exemplo, com as histórias de Sherlock Holmes). Finalmente, é ainda através de um processo de projeção que o leitor interpreta, dentro de seu quadro de referência e de seu repertório cultural, o "sentido" da história, a "razão" dos acontecimentos que nela se sucedem.

A maestria de um escritor está exatamente em lançar mão dos mais variados recursos para criar um texto verossímil e impressionante, permitindo uma leitura emocionante e prazerosa.

Vamos, então, aos exercícios. São dois modos, dentre muitos possíveis, de trabalhar com os alunos os "jogos de antecipação da leitura". Chamei o primeiro de "jogo da adivinhação" e o segundo de "jogo de desvendamento", mas estes nomes não têm outra finalidade senão a de identificar as atividades.

O Jogo da Adivinhação

Pega-se uma narrativa, de preferência curta, e que tenha, em alguma medida, quebra de expectativa. Recorta-se o texto em vários fragmentos correspondentes a pequenos episódios; os cortes devem coincidir com momentos em que a(s) personagem(ns) vai(ão) tomar uma atitude (mudança de cena); deve-se cuidar para que o fragmento não seja nem muito pequeno, a ponto de não oferecer informação nova, nem muito grande, a ponto de tornar a atividade enfadonha; evita-se, de início, dizer o nome do autor do texto, porque seu conhecimento pode criar novas expectativas (por causa do estilo, da temática, das posições políticas etc.) nem sempre interessantes ao exercício.

A atividade começa com o oferecimento do primeiro fragmento (pode ser apenas o título) aos alunos, pedindo-lhes que escrevam (individualmente) o que imaginam que vai acontecer na história. Faz-se, então, a leitura e a discussão do que escreveram, anotando-se as expectativas criadas pelo fragmento e o que as teria motivado (normalmente, algum índice do texto ou o valor "mais comum" de certas palavras ou, ainda, alguma projeção ideológica do leitor). Passa-se, então, para o segundo fragmento, que pode confirmar ou anular a primeira adivinhação, e repete-se todo o procedimento. E, assim, sucessivamente até o final da história.

É importante deixar claro aos alunos que eles não precisam acertar, que a brincadeira está em adivinhar e não em acertar o que tem na história. Do mesmo modo, é importante explicitar que não precisam insistir na sua história; se o que "adivinharam" no primeiro segmento não servir após a leitura do segundo, podem abandonar aquela "adivinhação" e começar outra.

O exercício aguça a curiosidade do leitor, contribui para o entendimento do texto e explicita recursos importantes de língua. No entanto, sua finalidade fundamental não é "ensinar técnicas de leitura ou conceitos escolares", mas promover a leitura viva e criativa. Pode ser usado em qualquer nível escolar, bastando escolher um texto de acordo com o nível da classe.

A título de exemplo, apresento uma sugestão de leitura com "jogo de adivinhações", feita com o conto *Passeio Noturno* (Parte I)², de Rubem FONSECA. Os comentários que faço são resultado daquilo que ocorreu nas vezes em que fiz este exercício.

1° fragmento: *Passeio Noturno*

O título da história sugere algo introspectivo, suave, delicado. As pessoas, normalmente, sugerem uma caminhada por um bosque, uma praia, um parque, uma rua tranqüila; a personagem estaria relembando coisas do passado, pensando na vida. Tem-se aí um exemplo típico de projeção ideológica e de repertório cultural atuando sobre a leitura: passeio é lazer, descanso e, portanto, não combina com violência, agressão etc. Sem dúvida, o autor considerou estas questões ao escolher o título para seu conto.

O professor, após apresentar o título da história, pede aos alunos que escrevam o que acham que vai acontecer. É interessante, na leitura das "adivinhações" dos alunos, criar polêmica, perguntando o porquê de tal ou qual impressão etc.

2° fragmento:

Cheguei em casa carregando a pasta cheia de papéis, relatórios, estudos, pesquisas, propostas, contratos. Minha mulher, jogando paciência na cama, um copo de uísque na mesa de cabeceira, disse, sem tirar os olhos das cartas, você está com um ar cansado. Os sons da casa: minha filha no quarto dela treinando empostação de voz, a música quadrifônica do quarto do meu filho. Você não vai largar essa mala?, perguntou minha mulher, tira essa roupa, bebe um uisquinho, você precisa aprender a relaxar.

Logo de cara, o autor já quebra a expectativa criada. Ao invés de encontrar um ambiente aberto, tranqüilo, que convide ao passeio e à reflexão, o leitor se depara com um ambiente fechado – um apartamento –, inóspito, opressivo, desagradável. O personagem narrador surge como alguém injustiçado, sem consideração dos filhos e da mulher. Mas a idéia de um passeio noturno está mais que nunca justificada: espairecer a cabeça, descansar, esquecer. Novamente, o professor pede para que os alunos escrevam como vai continuar a história. Já nesta passagem há o contato com o protagonista (o narrador) e com um jogo de tensão: o comportamento da família.

3° fragmento:

Fui para a biblioteca, o lugar da casa onde gostava de ficar isolado e como sempre não fiz nada. Abri o volume de pesquisas sobre a mesa, não via as letras e números, eu esperava apenas. Você não pára de trabalhar, aposto que os teus sócios não trabalham nem a metade e ganham a mesma coisa, entrou a minha mulher na sala com o copo na mão, já posso mandar servir o jantar?

2 Conto do livro *Feliz Ano Novo* de Rubem FONSECA.

Cresce a tensão narrativa; a personagem feminina é insuportável, forçando o narrador a querer fugir dela, uma alcoólatra histérica. Identificado com o narrador, o leitor tem pena dele. Normalmente, nas adivinhações aparecem as possibilidades da catástrofe

– o marido vai convidar a mulher para passear e assassiná-la – e da traição – o narrador sai à procura de outra, de uma aventura amorosa. A idéia inicial de um passeio por lugares idílicos pode ganhar uma nova versão: o "passeio mental", uma viagem solitária pelo pensamento.

4º fragmento:

A copeira servia à francesa, meus filhos tinham crescido, eu e a minha mulher estávamos gordos. É aquele vinho que você gosta, ela estalou a língua com prazer. Meu filho me pediu dinheiro quando estávamos no cafezinho, minha filha me pediu dinheiro na hora do licor. Minha mulher nada pediu, nós tínhamos conta bancária conjunta. Vamos dar uma volta de carro?, convidei.

A tensão em casa chega ao limite: num jantar milionário imperam a frivolidade e a hipocrisia, que exasperam e sufocam o "bom pai". É evidente a posição de coitadinho em que se coloca o narrador, justificando a necessidade de um passeio, uma aventura ou, até, de um crime que o libertasse de seu algoz.

Um elemento novo e inesperado é introduzido na narrativa: o carro. Ele traz de volta a idéia já meio esquecida do passeio, ainda que retirando seu "bucolismo". O convite é para saírem juntos; ela aceita? Se saírem juntos, vão fazer as pazes ou vão brigar? Será que ele a mata? Se sair sozinho, que vai fazer? Matar-se (atirando-se de um despenhadeiro)? Paquerar alguém e viver uma aventura?! Encontrar-se com a amante? Neste momento do exercício já é grande a curiosidade dos alunos de como vai acabar a história; o professor pode aproveitar o momento para esquentar o debate, fazendo perguntas polêmicas e provocadoras, do tipo "o que você faria nestas circunstâncias?".

5º fragmento:

Eu sabia que ela não ia, era hora da novela. Não sei que graça acha em passear de carro todas as noites, também aquele carro custou uma fortuna, tem que ser usado, eu é que cada vez me apego menos aos bens materiais, minha mulher respondeu.

Volta a rotina neurótica da casa. Ela não vai sair com ele, que já esperava por isto; tudo não passa de um teatro. Torna-se mais forte a hipótese da amante ou da aventura; perdem força as hipóteses do assassinato e do suicídio. Alguns alunos percebem índices importantes – o carro "**custou uma fortuna**" e ele sai "**todas as noites**" –, que mudam o rumo das expectativas. Ele vai sair sozinho para quê? Espairar a cabeça? Encontrar a amante? Beber? Acontecerá alguma coisa de diferente (esta idéia é forte e decorre da idéia de que uma história normalmente traz um conteúdo pouco comum).

6° fragmento:

Os carros dos meninos bloqueavam a porta da garagem, impedindo que eu tirasse o meu. Tirei os carros dos dois, botei na rua, tirei o meu, botei na rua, coloquei os dois carros novamente na garagem, fechei a porta, essas manobras todas me deixaram levemente irritado, mas ao ver os pára-choques salientes do meu carro, o reforço especial duplo de aço cromado, senti o coração bater apressado de euforia. Enfiei a chave na ignição, era um motor poderoso que gerava a sua força em silêncio, escondido no capô aerodinâmico.

O carro ganha importância; há claramente algo de fetichista e anormal na conduta do narrador, fazendo com que seja iminente uma catástrofe, traição ou crime. O narrador começa a mostrar sua outra face, que pode ser a de um quarentão playboy ou coisa que valha. Já não há mais espaço para um passeio como imaginado a partir da leitura do título, mas em função das projeções ideológicas e do desejo do leitor não surgem adivinhações muito catastróficas (há sempre a possibilidade de a coisa dar certo).

7° fragmento:

Saí, como sempre sem saber para onde ir, tinha que ser uma rua deserta, nesta cidade que tem mais gente do que moscas. Na avenida Brasil, ali não podia ser, muito movimento. Cheguei numa rua mal iluminada, cheia de árvores escuras, alugar ideal. Homem ou mulher? Realmente não fazia grande diferença, mas não aparecia ninguém em condições, comecei a ficar tenso, isso sempre acontecia, eu até gostava, o alívio era maior.

O texto toma nova direção, aparecendo com toda a força a sugestão de que se trata de um tarado sexual e homossexual enrustido. A hipótese mais óbvia é a de estupro, que pode ser seguido de assassinato; além disso, há sugestões de sadismo, masoquismo etc. Alguns, sem perceber certos índices, insistem na possibilidade de alguém que busca carinho.

8° fragmento:

Então vi a mulher, podia ser ela, ainda que mulher fosse menos emocionante, por ser mais fácil. Ela caminhava apressadamente, carregando um embrulho de papel ordinário, coisas de padaria ou de quitanda, estava de saia e blusa, andava depressa, havia árvores na calçada, de vinte em vinte metros, um interessante problema a exigir uma grande dose de perícia.

Está bem estabelecida a imagem da violência, que, aliás, é o motivo do próprio passeio. A pergunta que resta é o que o narrador vai fazer com a mulher: seqüestrá-la?, estuprá-la? matá-la? Como? Sem lembrar que o passeio acontece **todas as noites**, pensa-se em modo de abordar a mulher (o narrador desce do carro ou apenas reduz a velocidade e convida-a para subir? É delicado e sedutor ou autoritário e agressivo?). O leitor está tenso, quer saber o final e tem raiva do narrador.

9º fragmento:

Apaguei as luzes do carro e acelerei. Ela só percebeu que eu ia para cima dela quando ouviu o som da borracha dos pneus batendo no meio-fio. Peguei a mulher acima dos joelhos, bem no meio das duas pernas, um pouco mais sobre a esquerda, um golpe perfeito, ouvi o barulho do impacto partindo os dois ossões, dei uma guinada rápida para a esquerda, passei como um foguete rente a uma das árvores e deslizei com os pneus cantando, de volta para o asfalto. Motor bom, o meu, ia de zero a cem quilômetros em nove segundos. Ainda deu para ver que o corpo todo desengonçado da mulher havia ido parar, colorido de sangue, em cima do muro, desses baixinhos de casa de subúrbio. Examinei o carro na garagem. Corri orgulhosamente a mão de leve pelos pára-lamas, os pára-choques sem marca. Poucas pessoas, no mundo inteiro, igualavam a minha habilidade no uso daquelas máquinas. A família estava vendo televisão. Deu a sua voltinha, agora está mais calmo?, perguntou minha mulher, deitada no sofá, olhando fixamente o vídeo. Vou dormir, boa noite para todos, respondi, amanhã vou ter um dia terrível na companhia.

O desenlace e o epílogo são ainda mais sádicos e cínicos do que poderíamos imaginar, chegando a requintes de violência. Um crime diário, por prazer, violentíssimo, seguido de uma brutal hipocrisia. O texto joga na cara do leitor, com uma ironia mordaz, toda a violência da vida urbana. E fez isto mostrando uma frieza e calma tais que a agressão fica ainda maior.

Terminada a fase da "adivinhação", faz-se uma nova leitura do texto, que permite reinterpretar e sentir mais os índices, entender como e por que não tinham sido percebidos, descobrir o quanto a visão de mundo de cada um atua na interpretação do texto etc.

O jogo da adivinhação traz à tona as estruturas subjacentes da narrativa, ampliando a percepção dos recursos usados pelo autor e pelo leitor na construção da narrativa. A

explicação e nomeação destes recursos e estruturas é uma atividade que até pode ser levada adiante, se for do interesse do professor, mas não é fundamental. O mais importante é o aluno poder experimentar estes aspectos na sua leitura.

O Jogo de Desvendamento

O jogo de desvendamento parte da hipótese de que os leitores fazem projeções ideológicas na interpretação temática da história que lêem. De algum modo, o leitor "lê" o texto antes de realmente lê-lo, destacando na leitura efetiva aqueles elementos que corroboram sua visão de mundo. Trata-se, em outras palavras, de organizar o enredo e suas decorrências de modo que a história – particularmente no que diz respeito a causas, motivos e conseqüências de um determinado acontecimento – tenha uma estruturação "lógica", "desejada", de acordo com a visão de mundo do leitor.

Chamei este processo de "leitura tranqüilizadora", no sentido de que o leitor, ao encaixar em sua visão de mundo os fatos que lhe são apresentados, evita que eles o incomodem.

Tome-se, por exemplo, a história *Os Obedientes*, de Clarice LISPECTOR. Ela fala do suicídio de uma mulher de meia-idade, infeliz por **um casamento que deu certo**; as personagens – um casal sem nome – viviam como deveriam viver, como seres normais, iguais a tantos outros, certas de que faziam o certo. Mas não deu certo! Houve o suicídio e isto incomoda profundamente a narradora, que diz: "trata-se de um fato a contar e esquecer".

A "leitura tranqüilizadora", projetando valores ideológicos que valorizam o casamento, o amor etc., "apaga" os índices incômodos, e o casamento que deu certo transforma-se num casamento que não deu certo, portanto um caso particular e um exemplo a não ser seguido.

Desidentificado com a personagem, o leitor evita ver relações entre o que acontece na história e a sua vida, continuando tranqüilo.

O jogo de desvendamento busca exatamente realçar os índices incômodos do texto e os valores prévios do leitor. Por isso mesmo, começa com um "questionário provocador" (antes ainda de se ler o texto), que antecipa os temas desenvolvidos na história, aguçando a crítica. São perguntas abertas, às vezes desagradáveis, provocadoras do debate; muitas vezes, o debate pode durar um tempo maior do que aquele gasto com a leitura propriamente, mas isto não deve preocupar, porque ele é parte da leitura. Em síntese, o questionário cria contexto.

As perguntas podem relacionar-se a aspectos da vida particular de cada um, de sua história e também a opiniões, definições, percepções. Para que o jogo funcione é preciso que os participantes estejam sinceramente interessados e envolvidos. Ele não se confunde com o exercício de inteligência e interpretação de textos, apesar de efetivamente levar o leitor a isto. Seu grande mérito está em ensinar a leitura como algo mais que simples entendimento seqüencial de fatos. A leitura da informação histórica, de dados científicos, de filosofia etc. exige crítica do leitor, o que só será possível se ele não estiver preso a valores prefixados.

Tome-se de exemplo de "jogo de desvendamento" um exercício preparado a partir do texto *Uma Amizade Sincera*(3), de Clarice LISPECTOR.

3 Conto do livro *Felicidade Clandestina* de Clarice LISPECTOR.

UMA AMIZADE SINCERA

Não é que fôssemos amigos de longa data, conhecemos apenas no último ano da escola. Desde esse momento estávamos juntos a qualquer hora. Há tanto tempo precisávamos de um amigo que nada havia que não confiássemos um ao outro. Chegamos a um ponto de amizade que não podíamos mais guardar um pensamento: um telefonava logo ao outro, marcando encontro imediato. Depois da conversa, sentíamos-nos tão contentes como se nos tivéssemos presenteado a nós mesmos. Esse estado de comunicação contínua chegou a tal exaltação que, no dia em que nada tínhamos a nos confiar, procurávamos com alguma aflição um assunto. Só que o assunto havia de ser grave, pois em qualquer um não caberia a veemência de uma sinceridade pela primeira vez experimentada.

Já nesse tempo apareceram os primeiros sinais de perturbação entre nós. As vezes um telefonava, encontrávamos-nos, e nada tínhamos a nos dizer. Éramos muito jovens e não sabíamos ficar calados. De início, quando começou a faltar assunto, tentamos comentar as pessoas. Mas bem sabíamos que já estávamos adulterando o núcleo da amizade. Tentar falar sobre nossas mútuas namoradas também estava fora de cogitação, pois um homem não falava de seus amores. Experimentamos ficar calados – mas tornávamos-nos inquietos logo depois de nos separarmos.

Minha solidão, na volta de tais encontros, era grande e árida. Cheguei a ler livros apenas para poder falar deles. Mas uma amizade sincera queria a sinceridade mais pura. Á procura desta, eu começava a me sentir vazio. Nossos encontros eram cada vez mais decepcionantes. Minha sincera pobreza revelava-se aos poucos. Também ele, eu sabia, chegara ao impasse de si mesmo.

Foi quando, tendo minha família se mudado para São Paulo, e ele morando sozinho, pois sua família era do Piauí, foi quando o convidei a morar em nosso apartamento, que ficara sob minha guarda. Que rebuliço de alma.

Radiante, arrumávamos nossos livros e discos, preparávamos um ambiente perfeito para a amizade. Depois de tudo pronto – eis-nos dentro de casa de braços abanando, mudos, cheios apenas de amizade. Queríamos tanto salvar o outro. Amizade é matéria de salvação.

Mas todos os problemas já tinham sido tocados, todas as possibilidades estudadas. Tínhamos apenas essa coisa que havíamos procurado sedentos até então e enfim encontrado: uma amizade sincera. único modo, sabíamos, e com que amargor sabíamos, de sair da solidão que um espírito tem no corpo.

Mas como se nos revelava sintética a amizade. Como se quiséssemos espalhar em longo discurso um truísmo que uma palavra esgotaria. Nossa amizade era tão insolúvel como a soma de dois números: inútil querer desenvolver para mais de um momento a certeza de que dois e três são cinco. Tentamos organizar algumas farras no apartamento, mas não só os vizinhos reclamaram como não adiantou.

Se ao menos pudéssemos prestar favores um ao outro. Mas nem havia oportunidade, nem acreditávamos em provas de uma amizade que delas não precisava. O mais que podíamos fazer era o que fazíamos: saber que éramos amigos. O que não bastava para encher os dias, sobretudo as longas férias.

Data dessas férias o começo da verdadeira aflição.

Ele, a quem eu nada podia dar senão minha sinceridade, ele passou a ser uma acusação de minha pobreza. Além do mais, a solidão de um ao lado do outro, ouvindo música ou lendo, era muito maior do que quando estávamos sozinhos. E, mais que maior, incômoda. Não havia paz. Indo depois cada um para seu quarto, com alívio nem nos olhávamos.

É verdade que houve uma pausa no curso das coisas, uma trégua que nos deu mais

esperanças do que em realidade caberia. Foi quando meu amigo teve uma pequena questão com a Prefeitura. Não é que fosse grave, mas nós a tomamos para melhor usá-la. Porque então já tínhamos caído na facilidade de prestar favores. Andei estusiasmado pelos escritórios dos conhecidos de minha família, arranjando pistolões para meu amigo. E quando começou a fase de selar papéis, corri por toda a cidade – passo dizerem consciência que houve firma que se reconhecesse sem ser através de minha mão.

Nessa época encontrávamo-nos de noite em casa exaustos e animados: contávamos as façanhas do dia, planejávamos os ataques seguintes. Não aprofundávamos muito o que estava sucedendo, bastava que tudo isso tivesse o cunho da amizade. Pensei compreender por que os noivos se presenteiam, por que o marido faz questão de dar conforto à esposa, e esta prepara-lhe afanada o alimento, porque a mãe exagera nos cuidados ao filho. Foi, aliás, nesse período que, com algum sacrifício, dei um pequeno broche de ouro àquela que é hoje minha mulher. Só muito depois eu ia compreender que estar também é dar.

Encerrada a questão com a Prefeitura – seja dito de passagem, com vitória nossa – continuamos um ao lado do outro, sem encontraraquela palavra que cederia a alma. Cederia a alma? mas afinal de contas quem queria ceder a alma? Ora essa.

Afinal o que queríamos? Nada. Estávamos fatigados, desiludidos.

A pretexto de férias com minha família, separamo-nos. Aliás ele também ia ao Piauí. Um aperto de mão comovido foi nosso adeus no aeroporto. Sabíamos que não nos veríamos mais, senão por acaso. Mais que isso: que não queríamos nas rever. E sabíamos também que éramos amigos, amigos sinceros.

Uma amizade sincera é uma idéia retorcida daquela que usualmente se tem do que seja amizade, caracterizada pela imagem de fidelidade, companheirismo, solidariedade etc. Ao invés da relação confidente e plena de alegria, a amizade dói, incomoda, desagrada: é difícil, e nem sempre bom, ser amigo sincero; além disso, a amizade impõe limites e, no limite, a separação.

A história incomoda porque obriga ver a amizade como um desconforto: o cotidiano dos dois amigos, as confidências, a partilha das coisas banais da convivência são um fardo que ambos suportam pela amizade. Os momentos mais tipicamente valorizados na amizade convencional – a confidência e a solidariedade – são marcados negativamente pelo narrador, que os relata com uma carga latente de ironia; os momentos ruins, aqueles que normalmente se evitam, como o esgotamento de ter o que dizer ao outro e a presença incômoda, quase indesejada, a denunciar a solidão, são, por seu turno, os mais valorizados.

O enredo funciona de modo inverso ao de *Os Obedientes*: a amizade sincera é aquela que não pôde continuar sendo; a perda, a despedida, não é resultado de desafeto, mas, ao contrário, consequência de um afeto intenso. O sentimento de doação e cumplicidade dos dois amigos é tal que empresta à amizade um ar de homossexualismo, que o narrador faz questão de negar, contando o episódio em que fica noivo. Do ponto de vista do senso comum, esta seria a amizade que "não deu certo".

Uma "leitura tranqüilizadora" deste conto tende a negar a afirmação final do narrador de que eram "amigos sinceros". Esta "amizade" seria exagerada, muito exigente e egoísta ("se eles cedessem cada qual um pouquinho, dava pra continuar amigos").

Em outras palavras, a afirmação última do narrador é negada porque os índices oferecidos no decorrer da narrativa se opõem aos valores estipulados pelo senso comum para uma amizade sincera. Para a "leitura tranqüilizadora" a amizade do texto não é a "verdadeira" amizade, mas apenas aquela que deu errado. Deste modo, o leitor lê como ironia o que o narrador quis dizer literalmente.

O questionário provocador deve explorar o mais possível estes pontos, procurando explicitar o paradoxo do texto e pôr em questão os chavões que permeiam a idéia do senso comum de amizade. Apresento algumas questões possíveis entre tantas.

- **O que é amizade?**

Esta pergunta, bem geral, oferecida de chofre, sem nenhum preparo (lembrando que o texto não foi sequer lido), tem tudo para trazer à tona os chavões mais típicos. Caberá ao bom senso do professor encontrar os aspectos mais interessantes das respostas para promover o debate, num ritmo tipo "bate-bola". A cada resposta uma nova e rápida pergunta.

- **Qual a diferença entre amigo e colega?**

Outra pergunta que tem resposta tipicamente chavão: o amigo seria aquele que participa da vida da gente, enquanto o colega, apenas um conhecido etc. Evidentemente que esta divisão decorre antes da idéia corrente do que seja amizade do que de uma amizade mais precisa.

- **O que alguém quer dizer quando fala: "fulano é um bom amigo!"?**

A pergunta pode ter resposta chavão, mas pode também colocar um novo elemento no debate: as distinções de amigo – amigo sincero, bom amigo, mau amigo, melhor amigo, pior amigo etc. Estas distinções esquentam a discussão do que seja a amizade. Por isso, é preciso provocar e deixar fluir a discussão, sem preocupação com tempo ou sistematização.

- **Você poria a mão no fogo por um amigo?**

Uma provocação que explora um chavão para criar problema para outro: a pergunta questiona o limite da amizade, da confiança etc. Mas é claro que respostas óbvias podem anular a provocação; para evitar isto, pode-se fazer novas perguntas, cada vez mais provocadoras, sobre as respostas.

- **O que você faria se se enchesse de um amigo?**

Outra provocação: se a gente se enche do amigo, a gente era amigos? O que significa encher-se de um amigo? A pergunta cria dificuldade para definições muito "floreadas" de amizade, e esta pega um dos aspectos centrais do texto da Clarice: a saturação da amizade.

- **O que você faria se seu melhor amigo o traísse?**

É uma continuação da pergunta anterior, colocando outro elemento desagradável no debate: a traição, símbolo típico da inimizade. Se traiu, era amigo? A pergunta estimula o debate e deve ser bem explorada.

São muitas as perguntas possíveis e outras tantas podem aparecer no debate, tanto antes quanto depois da leitura. O importante é criar um contexto que, aguçando a percepção do leitor, permita que ele descubra no texto mais do que já sabia. Dependendo da sua evolução, a leitura pode ser interrompida a qualquer instante para discussão e comentários. Outros textos sobre o mesmo tema podem enriquecer a discussão.

É importante ressaltar que a inversão da ordem questionário-texto não é uma questão formal; ela transforma o texto em parte de um debate, em um elemento a mais, tirando-lhe toda pompa e valorizando a experiência de vida e valores do leitor, ao mesmo tempo permitindo sua superação.

São muitas as estratégias de leitura, tanto em sala de aula como fora dela. Ao apresentar estes dois exercícios pretendi, mais do que oferecer modelos, realçar a importância da vivência e do envolvimento do leitor nesta atividade. Mesmo as técnicas escolares corriqueiras de interpretações de texto podem ser úteis e interessantes se alunos e professor estiverem efetivamente envolvidos. Sem envolvimento, por outro lado, nenhuma técnica tem sentido. E o envolvimento depende de encarar a leitura como atividade real, que tenha razão e que suplante a sala de aula.